

Pandemia e infâncias: percepções a partir das crianças

Resumo: O presente artigo enfatiza a voz das crianças e suas infâncias, colocando-as em destaque central diante o cenário de pandemia. Para tal, tem como objetivo principal investigar as percepções de crianças em torno das transformações cotidianas experienciadas com a covid-19. Participaram da pesquisa oito crianças de 6 a 11 anos, havendo consentimento tanto delas quanto de seus responsáveis para participarem dos encontros individuais e coletivos – três de cada, em um total de seis – que, devido ao cenário pandêmico, foram realizados à distância por uma plataforma *on-line*, a fim de garantir o máximo de segurança. Nesse artigo, traça-se um panorama histórico sobre a metodologia com crianças, já que é a partir dessa perspectiva que a pesquisa teve embasadas a produção e análise de dados. No decorrer da pesquisa, foi perceptível que a rotina dessas crianças foi abruptamente transformada, modificando a maneira como estudam e a forma de socializar com seus pares, fato que influenciou diretamente em seus comportamentos e sentimentos.

Palavras-chave: pandemia; infâncias; crianças; escola; saúde pública.

Ariane Brião dos Santos

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Brasil

briaoariane@gmail.com

Viviane Castro Camozzato

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Brasil

vicamozzato@gmail.com

Pandemic and childhoods: perceptions from children

Summary: This article emphasizes the voice of children and their childhoods, placing them in central prominence in the pandemic scenario. To this end, its main objective is to investigate children's perceptions regarding the daily transformations experienced with Covid-19. Eight children aged 6 to 11 years participated in the research, with consent from both them and their guardians to participate in individual and collective meetings – three of each, in a total of six meetings – which, due to the pandemic scenario, were held at distance via an online platform in order to guarantee maximum security. In this article, a historical overview of the methodology with children is outlined, since it is from this perspective that the research was based on the production and analysis of data. During the research, it was noticeable that the routine of these children was abruptly transformed, changing the way they study and the way they socialize with their peers, a fact that directly influenced their behaviors and feelings.

Keywords: pandemic; childhood; child; school; public health

Pandemia e infancias: percepciones a partir de los niños

Resumen: Este artículo pone de relieve la voz de los niños y sus infancias, colocándolos en destaque central ante el escenario de pandemia. Para ello, tiene como objetivo principal investigar las percepciones de los niños sobre las transformaciones cotidianas vividas con la Covid-19. Participaron en la investigación ocho niños, de 6 a 11 años, con el consentimiento tanto de ellos como de sus responsables para participar en los encuentros individuales y de los encuentros colectivos – en un total de seis encuentros – que, debido al escenario pandémico, se realizaron a distancia, por medio de una plataforma

on-line, para garantir la máxima seguridad. En este artículo, se traza un panorama histórico acerca de la metodología con los niños, ya que fue a partir de esa perspectiva que la investigación basó su producción y análisis de datos. A lo largo de la investigación, fue perceptible que la rutina de esos niños se transformó abruptamente, modificando la forma como estudian y como socializan con sus pares, hecho que impactó directamente en sus comportamientos y sentimientos.

Palabras clave: pandemia; infancia; niño; escuela; salud pública.

Introdução

Durante o primeiro ano da pandemia da covid-19 no Brasil, 2020, aulas presenciais foram suspensas, o ensino remoto foi adotado pelas instituições escolares, aglomerações foram proibidas e o distanciamento social foi estabelecido. Considerando esse contexto, a pesquisa que originou este artigo buscou destacar e enfatizar as falas das crianças, percebendo as diversas infâncias, bem como os modos pelos quais estavam adaptando-se ao momento, afinal, ouvi-las é proporcionar que tenham voz perante a sociedade, é perceber que elas possuem peculiaridades e, da mesma forma que os adultos, precisam ser percebidas e escutadas. Segundo Friedmann (2020, p. 134),

escutar nos leva à situação de sermos afetados pelo outro, de sermos transformados, impactados. A partir do momento em que estou presente, integrado, acolhendo o outro com base em minha escuta, me abro para estabelecer ou aprofundar vínculos, para o diálogo, para relações simétricas, democráticas e amorosas.

Contudo, ao pesquisar as infâncias, é importante ressaltar que se faz necessário conhecer a condição social das crianças, bem como sua história e relações (Faria, Demartini e Prado, 2009). Em outras palavras, não se trata de indivíduos fragmentados, separados de um todo. Compreender é fazer com que “passemos a encará-la[s] na sua inteireza e nas suas singularidades historicamente dadas, que nos aproximemos de fato desse universo infantil” (Galzerani, 2009, p. 65). As crianças estão presentes em todo o lugar, em toda a parte, no entanto, são diferentes em cada local. Do mesmo modo, as suas compreensões diante do mundo também são diferentes, mas isso é possível somente pelo fato de existirem diversos contextos sociais (Friedmann, 2013).

A partir disso, trazemos autores como Adriana Friedmann, Manuel Sarmiento e Manuel Pinto, dentre outros, para embasa-

mento teórico e metodológico, já que são estudiosos de infâncias e que partem do olhar das próprias crianças e não somente a partir de nossa observação delas. Temos a intenção, portanto, de colocar em evidência a percepção delas diante de suas experiências, sentimentos, anseios e pensamentos, tornando-as não somente objeto de pesquisa, mas buscando enxergar ao redor com o olhar delas.

Desse modo, o principal objetivo deste artigo é investigar as percepções de crianças em torno das transformações cotidianas experienciadas com a covid-19 e como objetivos específicos: a) identificar as implicações da covid-19 nas transformações das rotinas das crianças; b) compreender as ressignificações da instituição escola a partir da pandemia; e c) analisar os modos como as crianças atribuem significados à pandemia. Atravessa esses diferentes pontos a seguinte indagação: de que modo crianças da cidade de Bagé reverberam as suas percepções em torno das transformações cotidianas experienciadas com a covid-19? Para tornar possíveis as discussões, foram organizadas sessões individuais e sessões coletivas com crianças, a fim de escutá-las. Importante salientar que no momento em que a pesquisa foi realizada (fevereiro e março de 2021), as aulas presenciais estavam sendo liberadas aos poucos, com rodízio de estudantes para evitar aglomerações e aumento no número de casos. Em outros termos, a rotina escolar estava retornando aos poucos depois de quase um ano longe da sala de aula, mesmo estando o estado do Rio Grande do Sul sob risco altíssimo de contágio para o coronavírus, situação que acarretava agravamento no sistema de saúde.

Considerando o exposto, o artigo está organizado do seguinte modo: “Escola, escuta e crianças em contexto de pandemia”, a primeira parte, traz a questão do ensino em tempos de pandemia e os rumos que foram trilhados, colocando no centro as crianças pesquisadas. Na segunda parte, “Itinerário metodológico a partir da pesquisa com crianças”, traçamos a trajetória da pesquisa realizada a partir do olhar das crianças e sua significância, iniciando a análise dos dados coletados. Em seguida, na terceira parte, “Rotinas alteradas” abordamos as transformações no cotidiano das crianças durante a pandemia de covid-19. Em “Instituição escolar e suas ressignificações”, delineamos a história da instituição escola e a maneira como as crianças a enxergam. Por fim, “Dando significado

à pandemia através do olhar das crianças” apresenta a ótica das crianças acerca daquele momento, bem como suas expectativas em relação a tudo que foi abordado.

Escola, escuta e crianças em contexto de pandemia

As indagações que permeavam os caminhos acerca da forma como as atividades escolares estavam ocorrendo naquele período pandêmico – no início de 2021, como salientado anteriormente – eram várias, já que apresentaram-se inúmeros fatores que repercutiam diretamente no desempenho das crianças e na organização das instituições, tais como: vínculos entre o governo, escolas e profissionais, políticas públicas, os relacionamentos em casa, instituições educacionais, entre outros aspectos externos. Diversos discursos têm estado presentes desde março de 2020, principalmente no que diz respeito à educação, posto que as escolas estavam dando sequência em suas atividades, ainda que de maneira remota, com a finalidade de darem prosseguimento aos trabalhos escolares (Zordan; Almeida, 2020).

As instituições educacionais deram início às ações, mesmo que de maneira experimental, para poder redirecionar as atividades que, até aquele momento, eram realizadas de maneira presencial e, de repente, tornaram-se remotas. Os docentes e discentes continuaram na realização de suas tarefas, embora a distância entre o ensino privado e público tenha ficado ainda mais evidente nessa pandemia. E isso na medida em que “face a essa catástrofe pandêmica, a educação, que deveria ser esteio para o controle dos contágios, para ampliação de atos solidários e para disseminação de princípios éticos em prol da vida, tem se evidenciado”, em muitos casos, “como uma agente de alargamento do fosso de nossas relações com o mundo, incluindo aí a ampliação das desigualdades sociais” (Zordan; Almeida, 2020, p. 3).

Nesse sentido, discussões acerca das maneiras pelas quais as práticas docentes foram afetadas e transformadas no contexto de pandemia tem sido uma constante. É notório que a sociedade como um todo teve que se adaptar às circunstâncias, mas vale ressaltar que não somente a rotina dos adultos sofreu grandes mudanças. Como Pastore (2021, p. 7-8) indica:

[...] a vida das crianças também é permeada por esses acontecimentos e que levantam, enquanto questões, a reconfiguração dos campos de estudos e os tempos do aqui e agora, há uma necessidade de ampliar discussões sobre cuidado, direitos, vulnerabilidades e outras variáveis em que as crianças devem ser questionadas enquanto sujeitos sociais e participantes de seus cotidianos, das modificações impostas e que, embora não tendo sido colocadas como grupo de risco nessa pandemia, tem tido seus direitos negados, principalmente o de mobilidade e de participação.

Escutar as crianças para reconhecê-las como parte da nossa sociedade é uma prática que tem crescido gradativamente, desde a década de 1980, na qual a abordagem socioantropológica começa a desenvolver um olhar para as crianças. Nessa direção, ganharam destaque pensadores como Manuel Jacinto Sarmiento, Clarice Cohn, Régine Sirota e outros, que colaboraram para que as ciências sociais iniciassem pensamentos acerca de grupos infantis e os considerassem, sobretudo, como atores sociais que têm voz, direitos, linguagens próprias, e que necessitam ser (re)conhecidos e ouvidos (Friedmann, 2020).

As crianças são sujeitos inseridos não somente na sociedade como um todo, mas também no processo de ensino-aprendizagem, sendo que “o direito das crianças à escola inclui não só o acesso, mas uma educação de qualidade que considere as necessidades infantis, entre as quais a de ser ouvida e respeitada” (Rosado; Campelo, 2011, p. 421). No entanto, as crianças não parecem serem ouvidas de maneira efetiva, ou seja, a troca geracional entre crianças e adultos ainda se constitui como um desafio a todos nós, na medida em que as crianças de nossas escolas ainda têm seus direitos à escuta e à participação negligenciados. Em tal contexto, mesmo que “a partir do entendimento de que a escola é o lugar da infância (lugar que as crianças estão)”, no período da pandemia, chegamos a ter “um total de mais de 60 milhões de crianças sem aulas por conta do vírus da Covid-19” (Pastore, 2021, p. 3).

Onde estão essas crianças? O que estão fazendo? Como estão aprendendo? De que modos estão se sentindo?¹ Colocá-las como sujeitos ativos que necessitam de visibilidade, levando em consideração suas opiniões, anseios e sentimentos parece imprescindível, como citam Rodrigues, Borges e Silva (2014, p. 279), uma vez que “é preciso não somente falar sobre as crianças, mas falar com elas,

1 Importante registrar que quando esses questionamentos foram feitos e estavam, de fato, retumbando, era início de 2021, e as escolas seguiam atuando de modo remoto e emergencial. Os questionamentos em torno de como estavam as crianças, se elas tinham espaços de escuta e fala acerca das transformações em seus cotidianos, entre outros aspectos, mobilizaram a escrita deste artigo.

ou seja, viabilizar uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções”, tendo em vista que “a compreensão e a integração de seus dizeres sobrepostos aos dos adultos mostram-se fundamentais.”

Desse modo, as crianças podem refletir acerca de suas vivências, da maneira como aprendem, observando suas potencialidades, tornando-se investigadoras e criando suas próprias alternativas (Rosado; Campelo, 2011). Ouvir as crianças implica, ao mesmo tempo, perceber, por intermédio das percepções delas, a maneira como enxergam o seu entorno, como o interpretam e se relacionam. Nessa direção, Rodrigues, Borges e Silva (2014, p. 282) complementam que “escutar as crianças têm um caráter transformador, sendo assim, cabe a nós, pesquisadores da infância, sermos ousados e aceitar o desafio de ouvi-las no que tem para nos dizer e tornar as suas falas centro da compreensão dos contextos em que estão inseridas”.

Mas qual seria a finalidade de escutar? Essa é uma pergunta frequente. Escutar para perceber o outro e sua singularidade, seus interesses, suas emoções e anseios. Escutar para conhecer quem está diante de nós e, assim, refletir sobre a nossa relação e atitudes com o outro. E se considerarmos a inseparabilidade de, ao educarmos, fazermos uma escuta? E isso a fim de apostarmos numa certa potencialização do que existe de único e primordial no outro, que envolva partir para uma relação mais balanceada (Friedmann, 2020).

Itinerário metodológico a partir da pesquisa com crianças

A partir de um enfoque histórico, é possível observar que as metodologias de pesquisas voltadas às crianças foram pensadas a partir do olhar adulto. As crianças raramente eram vistas e ouvidas. Outrossim, suas opiniões e críticas não eram levadas em consideração e “para a ciência, a racionalidade adultocêntrica era a que teria que prevalecer, a qual encerrou as manifestações das crianças” (Martins Filho; Barbosa, 2010, p. 3). Em outras palavras, não teria “cientificidade” o que fosse dito por crianças.

Hoje, todavia, é possível construir metodologias de pesquisa com crianças que assegurem legitimidade ao, efetivamente, considerá-las como interlocutoras privilegiadas. Para isso, deve-se ter em conta metodologias que tenham como objetivo garantir o

protagonismo infantil e que não sejam apenas o olhar do pesquisador que projeta suas próprias conclusões sobre as crianças. Acerca disso, Cunha e Fernandes (2012, p. 9) salientam:

[...] a perspectiva dominante é a investigação qualitativa, ressaltando que na investigação qualitativa em ciências sociais e humanas se trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ademais, Cunha e Fernandes (2012) afirmam que a diversidade desse recolhimento dos dados é indispensável para que as crianças sejam reconhecidas como integrantes do processo, afinal “as crianças possuem e constroem saberes, têm visão de mundo que, se explicitadas e mediadas, podem se tornar elementos importantes da investigação científica” (Rosado; Campelo, 2011, p. 402). É preciso considerar que existem diversas formas de linguagens: as crianças expressam-se não somente de forma oral, através do verbo e das palavras, mas também a partir do corpo, de movimentos, de expressões artísticas, e nesta pesquisa buscamos percorrer as mais variadas linguagens que a infância movimenta (Friedmann, 2013).

A produção de dados para a pesquisa apresentada neste artigo foi realizada a partir das técnicas e métodos que englobam entrevistas virtuais – individuais e coletivas –, produção de desenhos, fotografias e vídeos². Uma chamada sobre a pesquisa foi compartilhada nas redes sociais e os responsáveis que se interessaram entraram em contato para a participação das crianças. O único requisito era estar dentro da faixa etária de 6 a 12 anos. Após o contato, o Termo de Consentimento para os responsáveis e o termo específico para as crianças foram enviados, para que os grupos efetivamente analisassem e aceitassem participar.

Importante destacar a importância de as crianças permitirem a participação, a fim de praticarmos, no interior do processo de pesquisa, “o rompimento com o dualismo adulto X criança”, posto que essa é uma “dimensão que gera um estatuto de emancipação ao sujeito-criança. Neste caso, para negociar é necessário construir formas de comunicação e participação com, para e das crianças” (Martins Filho; Barbosa, 2010, p. 14). Partindo disso, percebemos

2 Tendo em vista que no período efetivo da produção dos dados a covid-19 estava intensa na região em que a pesquisa foi realizada, tal diversidade de dados foram produzidos, apresentados e conversados com as crianças, mas sem o recolhimento para a posterior utilização na pesquisa devido às condições específicas comentadas.

que elas têm capacidade de optar em participar ou não da pesquisa, e, agindo dessa maneira, possibilitar a oportunidade para ouvir e conhecê-las (Bertasi, 2019).

Oito crianças de 6 a 11 anos – cinco meninas e três meninos – fizeram parte da pesquisa, com a qual se buscou trazer realidades diversas, seja no âmbito social, no âmbito familiar e, até mesmo, no âmbito do gênero de cada criança escolhida. No total, foram realizados seis encontros, sendo três individuais e três coletivos, que ocorreram entre fevereiro e março de 2021. Todos os horários e dias foram acordados com crianças e responsáveis, visando o melhor momento para todas as partes. Além do mais, os encontros foram realizados via Google Meet, levando em consideração todos os protocolos sanitários e a preservação da saúde das crianças e de seus familiares.

O tempo estimado para cada um foi de 10 a 20 minutos nos individuais e 30 a 40 minutos nos coletivos, tendo em vista que, como diversas dessas crianças estavam passando tempo demais na frente das telas, não quisemos realizar encontros extensos. Entretanto, tivemos aqueles que ultrapassaram esse tempo, pois as crianças demonstraram necessidade de compartilhar o que estavam realizando naqueles dias.

O primeiro encontro foi realizado de forma individual, marcado por uma conversa informal, dialogando com as crianças a respeito do atual cenário, levantando os seguintes questionamentos: “Como estão se sentindo no atual cenário?”, “A rotina foi mudada bruscamente?”, “O que costumavam fazer antes e agora não podem?”, “Como estão aprendendo de maneira remota?”, “Quais as maiores dificuldades que estão enfrentando?”, “De que modo estão exercendo a escola e o processo de aprender?”, “Qual a principal diferença entre ensino presencial e remoto?”. Além dessas perguntas, um questionário padrão foi aplicado com as crianças no início do primeiro encontro com cada uma, contendo: idade, número de irmãos – se tem, qual a idade de diferença –, com quem mora, idade dos responsáveis, escolaridade dos responsáveis, onde mora – zona rural ou urbana –, etnia e instituição de ensino – privada ou pública. Foi solicitado que as crianças fizessem um desenho ou um roteiro sobre a rotina antes da pandemia e no cenário atual, para compartilhar no encontro coletivo com as demais crianças.

Já o segundo encontro foi coletivo, e nele, quatro crianças estiveram presentes para compartilhar suas produções, com ênfase

na expressão de seus sentimentos e desejos, explanando-os. Os encontros foram planejados levando em consideração um ponto importante, destacado por Mafra (2015, p. 118):

Quando se trata de pesquisa com crianças, o pesquisador deve ter lucidez de que esse processo exige movimento e criatividade para não cair na mesmice de pesquisar o que já está sendo pesquisado utilizando um único recurso metodológico, considerando-o cabível a toda e qualquer situação.

O terceiro encontro foi individual, e durante ele conversamos a respeito da aprendizagem fora do ambiente escolar, dos maiores desafios e dificuldades, do que mais sentiam falta da escola enquanto espaço físico e solicitamos que registrassem o espaço físico onde estudavam em casa e também que mostrassem uma foto da escola, de algum momento marcante. A seguir, culminando no quarto encontro, que foi coletivo, cinco crianças estiveram presentes e puderam realizar a troca com os demais, abrindo um canal de escuta e comunicação entre as crianças e entre as pesquisadoras e as crianças.

O quinto encontro, último individual, foi repleto de reflexões sobre a pandemia, com indagações em torno de como estavam se sentindo diante de todos os acontecimentos vivenciados e quais as esperanças para quando tudo isso fizer parte do passado. Nele, foi solicitado um desenho que transmitisse uma mensagem de esperança. No sexto e último encontro, combinamos – as pesquisadoras e as crianças – de realizar uma “festa virtual”, vestindo acessórios e fantasias para nos despedirmos da pesquisa em clima de alegria e compartilhamento.

A fim de preservar a identidade das crianças que participaram da pesquisa, as denominamos por cores: azul, branca, cinza, lilás, laranja, verde, amarelo e rosa. Apresentamos a seguir, em um quadro, informações importantes sobre cada uma delas.

Quadro 1- Especificidades das crianças da pesquisa

Criança	Idade	Gênero	Particularidades
Rosa	6 anos	Feminino	Possui uma irmã mais velha, mora com os pais, estuda em escola privada e mora na zona rural.
Lilás	7 anos	Feminino	Possui uma irmã mais velha, mora com os pais, estuda em uma escola privada e mora na zona urbana.
Laranja	8 anos	Masculino	Não possui irmãos, mora com os pais, estuda em uma escola pública e mora na zona urbana.
Azul	9 anos	Feminino	Possui um irmão mais velho, mora com os pais, estuda em uma escola particular e mora na zona urbana.
Cinza	9 anos	Feminino	Possui um irmão mais velho, mora com os pais, estuda em uma escola pública e mora na zona urbana.
Amarelo	9 anos	Masculino	Não possui irmãos, mora com os pais, estuda em escola pública e mora na zona urbana.
Branco	10 anos	Masculino	Possui um irmão mais velho, mora com os pais, estuda em uma escola pública e mora na zona urbana.
Verde	11 anos	Feminino	Não possui irmãos, mora com os pais, estuda em escola privada e mora na zona urbana.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Todas as conversas foram gravadas, com a permissão dos responsáveis e das crianças, totalizando 12 horas, 53 minutos e 46 segundos de gravação, considerados todos os encontros somados, entre individuais e coletivos.

Considerando também o cruzamento entre os objetivos específicos e os dados produzidos a partir dos encontros com as crianças foram elencados três focos de análise: “Rotinas alteradas”, “Instituição escolar e suas ressignificações” e “Dando significado à pandemia através do olhar das crianças”.

Rotinas alteradas

O ambiente escolar faz parte do cotidiano infantil, levando em consideração que, no Brasil, a escola é obrigatória a partir dos quatro anos e um direito desde bebê, ou seja, faz parte da rotina das crianças desde a mais tenra idade. No instante em que, por questões de saúde pública, a instituição escola é retirada de maneira abrupta, a rotina é completamente alterada, atingindo de maneira direta as crianças. Assim, a partir do momento que algo é retirado, instantaneamente a lacuna acaba sendo preenchida com alguma outra atividade. Nessa direção, a maioria das crianças relatou que ocupa seu tempo com as telas, o que tem relação com o fato de que

[...] parte dessas crianças está participando de aulas on-line, e, nesse sentido, há variação nas estratégias adotadas pelas escolas, no período de início do distanciamento observamos aumento do tempo de tela não apenas para estudar, mas também para fins de lazer, ultrapassando os limites diários de uso de tela recomendados pela SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) (Sá *et al.*, 2021, p. 6).

No primeiro e segundo encontros, uma das questões abordadas foi sobre o que tinha mudado na rotina das crianças na situação pandêmica. A maioria delas relatou que estava assistindo mais filmes, séries, televisão e canais do YouTube. Atividades mais introspectivas e menos sociáveis, até mesmo porque o momento não permitia uma interação social maior. Trazemos aqui duas falas³ de crianças questionadas sobre o que tinha mudado em suas rotinas:

[...] *depois que acabava a aula on-line, eu comia, tomava meu café normal, deitava na cama e assistia meus vídeos. Só que dessa vez eu não assistia muito as novelas porque eu tava viciada em alguns vídeos. Eu assistia lá, ficava ali assistindo, tá, daí, depois eu assistia alguma só, uns finalzinhos de algumas novelas, daí eu ia, jantava, daí depois de jantar tinha só uma coisinha que eu fazia, deitada, olhava meu vídeo, a mesma coisa de noite, praticamente* (Lilás, 7 anos).

[...] *é que eu, eu nunca tive numa pandemia, daí isso foi meio novo pra mim. Daí eu fiquei, né, meio sem saber por quanto tempo a gente ia ficar assim, sem saber como era uma pandemia, como era ficar em uma quarentena. Primeiramente eu vivia brincando com as minhas amigas, estudava na escola, né, uma coisa que*

3 Transcrevemos as falas das crianças e fizemos uma revisão de língua portuguesa. Contudo, mantivemos elementos que indicam as marcas da oralidade em todos os materiais empíricos presentes no artigo.

todo mundo fazia e também eu. Minha família sempre vivia junto, assim, daí todo mundo conversava junto, todo mundo fazia muito churrasco aqui em casa, na casa dos outros, então aqui a gente não pode mais se juntar muito e, se se juntar, tem que ficar numa distância grande... Eu normalmente fico no sofá, me atiro no sofá jogando ou fico pelo TikTok, ou fico vendo algum vídeo, editando algum vídeo, ou eu fico olhando televisão, eu sempre fico arrumando alguma coisa para fazer (Azul, 9 anos).

O tédio e a “falta do que fazer” foram relatados pela maioria das crianças entrevistadas. Ao mesmo tempo em que a escola seguiu ocupando um lugar central para a constituição das crianças, tendo um espaço semanal diário para as suas tarefas, a centralidade das mídias e tecnologias aparece, há tempos, como uma constante na rotina diária das crianças, como se nota na exposição de Lilás, 7 anos. Ora, isso tem relação com o fato de que as novas gerações têm sido acentuadamente marcadas por processos de constituição em que são expostas às lógicas de uma sociedade, como afirma Sibília (2012), em que “as subjetividades midiáticas querem se divertir” pelo maior tempo disponível. Outra marca que aparece nos depoimentos citados é quando Azul, 9 anos, evidencia a diminuição dos espaços a serem transitados e, ademais, a restrição dos contatos que tecem as relações sociais devido à pandemia. Tal restrição endereça, assim, ao acolhimento, como também se vê no depoimento de Lilás, das tecnologias dessa época como companhias.

Outrossim, é possível referir que o ócio começou a fazer parte da rotina e tomou uma proporção muito grande no cotidiano destas crianças, o que é completamente compreensível e nos deixa em estado de alerta, pois fala-se muito em saúde física, mas não podemos esquecer e descuidar da saúde mental:

A permanência em casa é uma etapa fundamental de segurança que pode limitar a disseminação da SARS-CoV-2, mas pode contribuir para ansiedade e depressão, o que por sua vez pode levar a um estilo de vida sedentário que resulta em uma série de condições crônicas de saúde... As crianças são vulneráveis aos riscos ambientais. A sua saúde física e mental e o seu comportamento ao longo da vida estão profundamente enraizados nos primeiros anos (Sá et al., 2021, p. 7)

Foram oito encontros individuais abordando o tema da rotina, cuja maioria durou cerca de 15 a 40 minutos. Entretanto, é

importante ressaltar que surgiram diversos assuntos além desse, uma vez que era perceptível a necessidade dessas crianças de conversarem com alguém, de serem ouvidas, de haver uma troca significativa, afinal, elas tiveram suas rotinas intensamente alteradas e, ao mesmo tempo, seus responsáveis precisavam trabalhar ou estavam em serviço remoto e não podiam dar-lhes a devida atenção. Não bastasse a rotina modificar de uma hora outra para outra, sem contato com os demais colegas, professores, o contato social foi reduzido às telas, entre outros aspectos. Adaptar-se ao momento não foi uma tarefa fácil, o que reafirma ainda mais o papel social da escola, o quanto ela se faz importante não somente na questão aprendizagem, mas também pelas questões socioafetivas envolvidas.

Instituição escolar e suas ressignificações

A escola foi uma invenção. A sua implantação foi aos poucos, começando a aparecer nos países europeus na metade do século XVII (Sibilia, 2012). Entretanto, tomou força a partir do final do século XIX e início do século XX, sendo que antes a ocupação principal das crianças era o trabalho (Sibilia, 2012). Contudo, existe uma dúvida a respeito de como os sujeitos aprendiam antes da invenção da escola e,

[...] em primeiro lugar, vale assinalar que, entre as imensas transformações implicadas pela modernização do mundo, mudou muito o que se considerava que convinha aprender: quem tinha de saber o quê, através de quais procedimentos e com que objetivos. Por isso o que hoje chamamos de educação funcionava de modos diferentes antes da instauração original dos modernos estabelecimentos coletivos (Sibilia, 2012, p. 31).

Nesse viés, a instituição escolar foi se modificando no transcorrer do tempo – durante a Reforma Protestante, Renascimento, colégios católicos e jesuítas – e em cada época teve suas peculiaridades e objetivos. Em certo momento de sua trajetória, a instituição escolar separou as crianças “por níveis de aprendizado e idade, o controle de presença, somadas às práticas já existentes do controle do tempo, a divisão das matérias. Estas tecnologias estavam atreladas ao controle do mestre sobre os alunos” (Fusinato; Kraemer, 2013, p. 21015). Naquele momento já tínhamos a escola semelhante

ao que encontramos atualmente, principalmente em questões burocráticas. Enfim, por mais que a educação brasileira seja conduzida por ideias democráticas em alguns de seus períodos, tem heranças que gravitam em torno de concepções de escola dos anos 1930 e 1940, em especial no que se refere ao caráter enciclopédico, em que há exigência de provas e notas para adquirir as competências (Fusinato; Kraemer, 2013).

Mas, afinal, para que serve a escola? Ela é apenas um local construído com tijolos e cimento a fim de repassar conhecimentos e formar cidadãos capazes para o mercado de trabalho? Obviamente não. Ela exerce um papel social muito importante, posto que

[...] promove saltos qualitativos em direção à inserção social e cultural dos sujeitos escolarizados quando comparados aos não escolarizados. Isso, no entanto, não significa que tais indivíduos sejam mais capacitados intelectualmente, mas tão somente que estão mais bem instrumentados e habilitados para o enfrentamento das demandas que se impõem nas sociedades complexas como a nossa (Marques; Castanho, 2011, p. 25).

Em outras palavras, a escola é vital para o desenvolvimento das relações, pois crianças são indivíduos que estão inseridos em uma sociedade e a instituição escolar tem um papel fundamental em relação a isso. Porém, com a covid-19, a escola tomou outra forma: com a disseminação muito rápida do vírus, a escola teve que se reinventar, de uma hora para a outra, e acabou não exercendo esse papel social. E como ficaram as crianças com essa mudança tão abrupta? Um dia estavam no colégio, compartilhando com os demais indivíduos, no outro estavam sentadas em frente a uma tela, sem poder falar, algumas apenas absorvendo os conhecimentos – e outras nem isso, cabe registrar – que estavam sendo passados pelos professores, na maior parte das vezes⁴. Quando perguntamos às crianças entrevistadas sobre o que estavam pensando e sentindo a respeito dessa modificação na forma de estudar e do espaço escolar ter se mudado para dentro de casa, obtivemos as mais diversas respostas, dentre elas:

[...] não é a mesma coisa, né. A gente lanchava, a gente brincava, a gente ria todo mundo junto e agora não pode, por causa da pandemia, e é bem triste esse negócio que não dá pra se ver, não dá pra se abraçar. Como eu queria dar abraço em todos os meus colegas, todos os meus professores (Verde, 11 anos).

4 Isso sem falar na enorme desigualdade em relação às condições de acesso a equipamentos e internet entre os estudantes brasileiros. Mesmo com tal contexto, as políticas públicas para o enfrentamento dessa situação não foram efetivamente colocadas em operação em nosso país. De certo modo, os estudantes e as famílias ficaram à mercê de um respaldo governamental que negligenciou, a nosso ver, a situação.

[...] eu tenho, eu tenho meu quarto, eu sempre estudo lá... A minha mãe me ajuda um pouco, e às vezes eu faço sozinha... Eu acho que eu aprendo mais na sala de aula, porque não sei (Rosa, 6 anos).

[...] também não é a mesma coisa. A gente tava frente a frente com o professor, daí, com essas videoaulas, não é a mesma coisa, a gente sabe que é só estudar, mas não é a mesma coisa... Eu prefiro no colégio. Por que lá eu acho que a gente não aprende nada à distância, e já no colégio tu tá cara a cara com o professor e tu consegue ouvir ele, tu pode levantar a mão e ele vai te responder. Tu pode ir até a mesa dele e perguntar uma dúvida, aí já na videoaula não... Fica um monte de microfone ligado, eco, aí não dá (Verde, 11 anos).

Mas nem todas as crianças responderam que não gostaram desse formato. As crianças Laranja e Amarelo trazem em suas falas uma escola transmissiva, ou seja, que apenas transmite os conhecimentos. Então, para elas, o fato de não ter aula não modifica muito a forma de aprender:

[...] eu me senti, eu fiquei um pouquinho triste porque não poderia mais ver meus amigos, é, mas também um pouco feliz porque não precisaria ficar acordando de manhã. Quer dizer, acordando cedo para ir pra aula. É, mas isso foi uma alegria por pouco, porque começou as aulas on-line, né, mas as minhas primeiras aulas foram com a minha mãe, ela que fazia, que escrevia tudo, aí depois chegou a aula on-line (Laranja, 8 anos).

[...] é, nada muda. Tem a mesma professora, tem a mesma turma. Só que na aula on-line parece diferente, a tela fica aqui, fica na frente, lá no colégio é quase a mesma coisa (Amarelo, 9 anos).

Outra questão levantada foi a maneira como estavam estudando em casa, se havia algum horário ou lugar específico e se tinham ajuda de alguém. Solicitamos, também, que enviassem fotografias registrando esse espaço. Todas as crianças possuíam um lugar para os estudos e para realizar as tarefas escolares, como relatam algumas a seguir:

[...] esse é meu quarto de estudos, é a minha mesa, que eu faço tudo, e o meu banquinho pra eu sentar... Eu estudo só na mesma hora, sempre depois do almoço (Rosa, 6 anos).

[...] aqui, quando a gente fica com calor, a gente vai lá pra fora e faz os temas... Eu tenho outro lugar para estudar que é a cozinha...
(Branco, 10 anos).

[...] eu deixo o computador no meio da mesa, coloco meu fichário aqui... E eu deixo meu estojo aqui, tudo de desenhar e pintar aqui, uma caderneta de matemática que eu sempre deixo para as aulas de matemática, e aqui eu sempre deixo uma garrafa de água ou suco, e alguma coisa para comer, né (Azul, 9 anos).

[...] eu tenho esse espaço aqui, é do meu computador, e lá no outro quarto eu tenho uma mesinha que eu posso estudar também...
(Amarelo, 9 anos).

Por último, foi perguntado sobre o que mais sentiam falta no ambiente escolar, já que estavam há quase um ano sem frequentar o mesmo e, como dito anteriormente, a escola exerce papel socioafetivo extremamente importante no desenvolvimento humano, afinal, “é por meio de processos mediadores sociais e instrumentais que os significados vão sendo internalizados, modificados, e os sentidos vão sendo produzidos a partir das experiências individuais coletivamente partilhadas” (Marques; Castanho, 2013, p. 25). E foi exatamente isso que obtivemos de resposta quando levantamos a questão. O partilhar com os demais pares estava fazendo muita falta, e, principalmente, o recreio:

[...] eu amo, amo, amo brincar na casa amarela; a gente brinca de espião, de tentar entrar na casa amarela. Mas agora todo mundo tem que ter recreio em sala de aula... Eu gostava da minha aula de música, é a minha aula favorita! (Lilás, 7 anos).

[...] eu amo lá porque é um lugar grande, e o recreio dá pra brincar bastante, só que infelizmente o recreio agora não dá pra brincar, por causa do distanciamento, né, a única coisa que dá pra brincar é de gritar até ficar rouco (Azul, 9 anos).

[...] que eu me lembre, a hora do recreio é 15 segundos..., não, 15 minutos. O que dá pra fazer em 15 minutos? Não dá pra nem pensar... É brincadeira, dá pra fazer muita coisa. Aqui ó, dá pra ir numa árvore gigante brincar de Tarzan e não acaba nunca, parece que nem é 15 minutos, parece que é 20 minutos de recreio
(Laranja, 8 anos).

[...] eu gostava muito de brincar com os meus colegas no recreio, de brincar, de estudar, de tudo... (Cinza, 9 anos).

A escola, de certo modo, ajuda a colocar o mundo em suspenso. Isso significa que ao adentrar em seus espaços-tempos, habitá-la, a escola inicia um processo de formação, produzindo mudanças e abrindo o “mundo” às crianças. A educação, como prática social, é favorecida quando em contato e em relação com os pares. Num contexto de pandemia, em que foi inevitável o distanciamento social, as exposições das crianças sobre o brincar e sobre o recreio faz pensar na nossa atenção com elas, no afinamento de nossas escutas para que, talvez, a escola com e pós-pandemia seja deliberadamente ainda mais promotora de suspensões do tempo, de ressignificações e de afirmações em torno do estar junto, como desejam as crianças que contribuíram com as discussões deste artigo.

Por fim, solicitamos às crianças fotografias de momentos que foram marcantes na escola enquanto estavam no ensino presencial, e os registros fotográficos sempre eram das crianças acompanhadas dos colegas. Inclusive, a criança Cinza, de 9 anos, dentre as fotografias escolhidas, colocou o registro de *drive-thru*⁵ de Dia das Crianças que foi realizado durante o ano de 2020, pois foi a forma como a escola conseguiu comemorar a data de forma segura, mas com alegria, o que evidenciou o processo de adaptação da escola ao cenário do momento. Entretanto, as relações sociais fazem parte da educação e, sem elas, a instituição escolar fica incompleta.

5 Muitas escolas organizaram formas de se locomoverem com carros e outros veículos até as crianças que estavam confinadas pela pandemia, criando possibilidades de interação entre crianças e os profissionais das escolas.

Dando significado à pandemia através do olhar das crianças

De acordo com o Dicionário Online de Português, a palavra “pandemia” significa “disseminação de uma doença que alcança o mundo todo [...]” e “[...] ocorre quando há uma epidemia em uma região, mas que se espalha globalmente, atingindo todo o planeta”⁶. A definição, por si só, soa assustadora – pelo menos para nós, adultos, a proporção de uma doença que se espalha rapidamente e atinge o mundo todo é estarrecedora. Mas e as crianças? Será que elas têm a mesma percepção que nós, adultos? Essa questão permeou os dois últimos encontros – um individual e um coletivo. A seguir, algumas das crianças que expressam suas incertezas e inseguranças daquele momento vivido, ainda no início de 2021:

6 PANDEMIA. Ver: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>.

[...] aí eu ficava pensando, eu não imaginei que existiria uma doença que fosse transmitível [sic], não sei se é assim que se fala, e pudesse fazer muitas pessoas terem de ir pro hospital e morrerem. Ai, eu não sei quantos milhões são, de casos e mortes... Bah, é muita morte. Imagina tantas pessoas que perderam a família, membros de família (Verde, 11 anos).

[...] ele mudou a vida das pessoas, colocando a gente só em casa. Não falar, não abraçar, nem beijar e nem dá beijo, é isso... As pessoas se sentem tristes sem ver seus amigos, né... Eu acho que elas se sentem tristes (Rosa, 6 anos).

[...] as mudanças, tipo assim, ó, é que com essa covid tá matando muita gente, eu não quero nada disso, mas já tá chegando a vacina e vai mudar tudo depois da vacina (Amarelo, 9 anos).

[...] sabe quanto de pessoa que cabe na Terra? Que até agora eu sei mais ou menos... Mais de 15 bilhões, 500 milhões e 394 mil pessoas na Terra, mas eu acho que mais de um bilhão de pessoas vai morrer por causa dessa covid (Branco, 10 anos).

No momento em que os encontros aconteceram, segundo dados do Boletim epidemiológico (Brasil, 2021) do Ministério da Saúde, nosso país estava entre os 20 com maior número de casos confirmados e óbitos, no infeliz segundo lugar, perdendo somente para os Estados Unidos (EUA). Todos nós nos encontrávamos repletos de incertezas diante do cenário apresentado, principalmente, pelos noticiários, que mostravam, incessantemente, a realidade da sobrecarga em que se mantinha nosso sistema de saúde. A fala da criança Verde, de 11 anos, retrata essa realidade:

[...] agora passa dando no jornal, revista, jornal de ler, jornal de tv, RBS notícia, tudo sobre covid e sobre morte... É só respirar esse ar e pega e é muito perigoso por causa disso aí, e tá lotando o hospital e não tem lugar pras outras pessoas, e aí, por isso que diferencia tanto. Antes não era assim, antes os hospitais eram mais ou menos, agora tá bastante pessoa.

Outra questão que conversamos tinha a ver com a mudança do mundo diante da pandemia, sobre qual a era percepção daquelas crianças diante das pessoas, se percebiam algum tipo de mudança, seja no comportamento, seja no modo de pensar, e, de todas as respostas obtidas, salientamos duas:

[...] eu acredito que agora todo mundo tá passando mais tempo com a família, provavelmente estão conseguindo se organizar mais porque não precisam sair correndo para pegar carro pro trabalho, pra ir pra escola porque é tudo on-line agora... Bastante gente tá se organizando mais, se cuidando em relação ao vírus (Azul, 9 anos).

[...] sei lá, todo mundo mudou, o mundo, o mundo, essa bola gigante... Mudou para pior, olha a natureza, antes tinha muito mais bichinho vivo, tinha muito menos poluição, olha agora, é poluição, é poluição... (Lilás, 7 anos).

É possível perceber duas óticas bem distintas nessas falas, pois apesar de terem algo em comum – a idade próxima –, as crianças não pensam necessariamente da mesma forma. Ao contrário, são indivíduos que possuem senso crítico, cada qual com sua especificidade e peculiaridade, e é muito importante considerar todas as formas de pensar e expressar suas opiniões (Martins Filho; Barbosa, 2010).

Diversas foram as reflexões que fizemos nesses últimos encontros, principalmente acerca das perspectivas para um futuro próximo, afinal, é necessário ter esperança em dias melhores, e, segundo Pastore (2021, p. 10), “A pandemia tem nos colocado questões reflexivas importantes, dentre as quais o ‘barco’ que navegamos, enquanto metáfora dos caminhos que seguimos” mas, ao mesmo tempo, “não estamos no mesmo barco, e nunca estivemos, sendo que a questão que deve ser feita é: em que barco sairemos dessa?”.

Tendo isso em conta, perguntamos às crianças como seria um mundo pós-pandemia. Em outras palavras, quisemos saber delas se achavam que tudo iria voltar a ser como antes ou se teríamos algum tipo de modificação, seja qual for, e, também, o que elas fariam quando esse tão esperado momento chegasse. Obtivemos as mais diversas respostas:

[...] tudo voltando ao normal de antes, tipo a gente podendo sair sem máscara, a gente podendo ir pra escola, se encontrar com as pessoas... Eu acho que as pessoas vão estar diferentes, porque eu acho que elas aprenderam. Aprenderam a não reclamar de nada, tem muita gente morrendo (Cinza, 9 anos).

Eu acho que vai ser como antes, vai ser divertido. As pessoas andando pra lá, as pessoas andando para cá, pessoas andando para todos os lados, eu acho que vai ser bem divertido (Rosa, 6 anos).

Eu acho que vou abraçar, abraçar todo mundo e tomar um sorvete (Branco, 10 anos).

[...] pior, muito pior. Tudo vai voltar a acontecer, vai voltar poluição, vai voltar briga no trânsito... (Lilás, 7 anos).

[...] quando a pandemia acabar, quando aparecer na tv dizendo que a covid acabou eu vou sair gritando na rua dizendo: a covid acabou, uhu! Eu vou para todas as festas do mundo... Eu acho que vai ter muito foguete, muita gente pra fora, vai ter muito churrasco, vai ter muita coisa (Amarelo, 9 anos).

Bah, eu acho que vai ficar todo mundo bem enlouquecido, porque eles vão tá no centro, assim, aí eles vão receber a notícia no celular e vão ver: ah, a pandemia acabou! Aí eles vão tirar a máscara, vão falar para todo mundo pegar as máscaras, daí vão pegar o álcool em gel e vão botar um pouco no chão e vão botar fogo nas máscaras, pra queimar a máscara de uma vez, pra não usar mais (Verde, 11 anos).

[...] ah eu imagino que as pessoas vão se cuidar mais, algumas, né. Todo mundo vai ficar muito feliz... Finalmente eu vou poder me encontrar com membros da família, brincar com meus primos, poder fazer de tudo sem máscara... E eu acredito que algumas pessoas devem ter entrado em depressão nessa quarentena, por não falar mais com pessoas por muito tempo, só por WhatsApp, sem poder se encontrar, e que essas pessoas melhorem, é isso (Azul, 9 anos).

No último encontro coletivo, que durou 1h40, foi realizada uma festa *on-line* a pedido das crianças, que estavam todas presentes e fantasiadas da maneira que preferissem. Cada uma delas compartilhou um desenho que demonstrasse a sua esperança para dias futuros, e, depois de apresentá-lo, escolhia uma música para dançarmos e nos despedimos dos encontros da maneira mais alegre possível. O *feedback* das crianças em relação aos encontros foi positivo. Queriam, inclusive, seguir com os encontros coletivos, pois sentiam falta de dialogar com seus pares durante a quarentena.

Considerações finais

Neste artigo, o foco esteve em investigar as percepções de crianças a partir das intensas transformações impostas pela covid-19. Para a realização de tal intento, foram realizados seis encontros

com crianças, com o objetivo de escutá-las, para a abertura de um canal de escuta e socialização apesar das restrições pandêmicas.

Com as lentes da metodologia da pesquisa com crianças, que as considera sujeitos ativos, possuindo direitos e voz na sociedade, destaca-se a relevância de trazê-las às pesquisas científicas, não para falar a respeito delas, e sim colocá-las no âmago da discussão. Pensando nisso, os encontros foram alternados entre individuais e coletivos, com a produção de dados variados, de conversas a produções fotográficas e desenhos.

No decorrer das análises, foram demarcadas três recorrências, destacadas a seguir: compreender as ressignificações relacionadas à instituição escolar a partir da pandemia; observar os diferentes marcadores sociais constitutivos das infâncias e o modo como implicam na rotina das crianças e analisar os modos como as crianças atribuem significados à pandemia.

Primeiramente, foi possível observar o papel significativo da escola na vida das crianças, não somente pelo fato do aprendizado, que foi citado diversas vezes por elas, mas também pela questão socioafetiva e a troca com os demais colegas. Logo em seguida, foi possível perceber o quanto o cotidiano dessas crianças foi alterado com a pandemia e como isso influenciou significativamente na rotina delas. Já que a escola é obrigatória e, em período “normais”, ocupa a maior parte do tempo delas, ficaram, em vários momentos, ociosas e se sentindo passivas, afinal, quase nada podiam fazer. Por fim, apesar de ser afetadas diretamente com a situação imposta inesperadamente e, de certa maneira, abrupta, a grande maioria delas olha para o futuro com esperança, citando em diversas falas a vacina como a cura para o que estávamos vivenciando.

Para finalizarmos, lançamos algumas problematizações: por quais motivos as crianças permanecem invisíveis em grande parte das pesquisas e também na sociedade? Por que não são vistas como os indivíduos potentes que são? Ouvi-las e percebê-las não é somente imprescindível, mas também uma maneira de respeitá-las como sujeitos na nossa sociedade.

Referências

BERTASI, A. T. F. *O desenho narrativo na pré-escola: as crianças e seus pensamentos coloridos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/>

handle/10183/201443/001102414.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico*: boletim epidemiológico especial 52. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/marco/05/boletim_epidemiologico_covid_52_final2.pdf. Acesso em: 23 abr. 2021.

CUNHA, A. C.; FERNANDES, N. Estudos da Criança: participação infantil: a sua visibilidade a partir da análise de teses e dissertações em Sociologia da Infância. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO, 1., 2012, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: [s. n.], 2012. p. 36-48.

FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3. ed. Campinas: Autores associados, 2009.

FRIEDMANN, A. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, A. *Linguagens e culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

FUSINATO, C. V.; KRAEMER, C. A invenção histórica da escola e escolarização no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Educere, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7876_5302.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3. ed. Campinas: Autores associados, 2009. p. 49-68.

MAFRA, A. H. Metodologias de pesquisa com crianças: desafios e perspectivas. *Zero-A-Seis*, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 107-119, 2015.

MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 23-33, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/cFhY4m7NZp6Q3YCCxgtMkcb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. do C. S. Metodologias de pesquisas com crianças. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 8-28, 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>. Acesso em: 2 nov. 2020.

PASTORE, M. Di N. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 29, p. 1-29, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/YH4Ln7JjzzQn3CdhCskYpCz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2021.

RODRIGUES, S. A.; BORGES, T. F. P.; SILVA, A. S. da. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 25, n. 2, p. 270-290, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3188/2698>. Acesso em: 2 maio 2021.

ROSADO, C. T. da C. L. CAMPELO, M. E. C. H. Educação escolar: a vez e a voz das crianças. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 71, p. 401-424, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/T7KrzGkylVmnSsN3YXHQwwz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SÁ, C. dos S. C. de. *et al.* Distanciamento social covid-19 no Brasil: efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 39, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/rp7gw57vvXhQ5vG899PKMXJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SIBILIA, P. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ZORDAN, P.; ALMEIDA, V. D. Parar pandêmico: educação e vida. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15481/209209213435>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Submetido em: 10/06/2022
Aprovado em: 23/11/2023